

# RÚSSIA INTENSIFICA PRESENÇA MILITAR NO PACÍFICO

Por Scott Foster\*



*Forças russas organizam exercício militar no Mar do Japão (Foto de arquivo/Asian Times).*

*Moscou dá nova prioridade à liberdade de navegação e defesa costeira em áreas marítimas ultrassensíveis perto do Japão.*

Foi um final de ano agitado para as forças militares russas no Pacífico, que se tornaram um fator geopolítico que não pode ser ignorado pelos EUA, Japão e seus aliados do Pacífico. De 14 a 17 de outubro, a Rússia e a China realizaram exercícios navais conjuntos no Mar do Japão.

Então, em 18 de outubro, 10 navios russos e chineses navegaram pelo estreito de Tsugaru entre Honshu e Hokkaido, descendo a costa do Pacífico do Japão através do estreito de Osumi entre o extremo sul de Kyushu e a ilha de Tanegashima, onde se situam as instalações de lançamento espacial do Japão e para o contestado Mar da China Meridional.

O vice-chefe de gabinete do Japão, Yoshihiko Isozaki, disse a repórteres que o governo japonês estava “*observando com grande interesse as atividades dos navios de guerra chineses e russos ao redor do Japão. Não consideraremos nada garantido em nossas atividades de alerta e vigilância nos domínios aéreo e marítimo do Japão*”.

Uma semana depois, falando na base naval do quartel-general da Sétima Frota em Yokosuka, no lado oeste da Baía de Tóquio, o secretário da Marinha dos EUA, Carlos Del Toro, disse: “*Acredito que a relação entre a China e a Rússia, talvez recentemente, tenha evoluído de maneiras em que eles estão tentando intimidar outras nações com suas ações que não obedecem a uma ordem internacional*

*baseada em regras. Acho que é necessário dissuadi-los de intimidar outros países e de serem agressores de qualquer maneira possível.”*

Del Toro também disse que a liberdade de navegação em águas internacionais é “*verdadeiramente uma coisa maravilhosa*” – mas evidentemente nem toda liberdade de navegação é igualmente maravilhosa.



*FOTO 01: Dez navios de guerra chineses e russos navegaram pelas ilhas japonesas (US Naval Institute).*

Deve-se notar que este incidente só pôde acontecer porque o Japão foi persuadido a estreitar suas reivindicações marítimas territoriais em ambos os estreitos, das habituais 12 milhas náuticas, para três milhas náuticas na década de 1970, a fim de permitir que os navios americanos transportando armas nucleares passassem sem violar o terceiro dos “Três Princípios Não Nucleares” do Japão – não posse, não produção e não introdução de armas nucleares.

Como resultado, os canais centrais de ambos os estreitos são classificados como águas internacionais. Um porta-voz do Ministério da Defesa do Japão disse à imprensa: “*Nenhuma violação das águas territoriais ocorreu e nenhuma regra internacional foi ignorada.*”

## EXERCÍCIO NAVAL ASEAN-RÚSSIA

Em 28 de outubro, a 4ª cúpula ASEAN-Rússia foi realizada via videoconferência para comemorar o 30º aniversário do estabelecimento de relações oficiais entre a ASEAN (*Association of South East Asian Nations*, Associação das Nações do Sudeste Asiático) e a Federação Russa. De acordo com a declaração conjunta emitida após a Cúpula, as duas partes:

*"Reafirmam o apoio inabalável à centralidade da ASEAN na arquitetura regional em evolução e o compromisso de fortalecer e dar novo impulso aos mecanismos liderados pela ASEAN para melhor enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades decorrentes dos ambientes regionais e globais atuais e futuros."*

Então, em 1º de dezembro, o primeiro exercício naval ASEAN-Rússia começou na costa de Sumatra. Oito navios e quatro aeronaves da Indonésia, Singapura, Malásia, Tailândia, Mianmar, Vietnã, Brunei e Rússia participaram de três dias de exercícios. Os outros países da ASEAN enviaram observadores.

O exercício – que incluiu manobras, comunicações, busca e resgate e tratamento de embarcações suspeitas – apoiou um compromisso conjunto de *"proteção e segurança marítima, liberdade de navegação e sobrevoo e comércio desimpedido"* afirmado na Cúpula.

A Rússia foi representada pelo contratorpedeiro *Almirante Panteleyev* (classificado como “grande navio antissubmarino”) da Frota Russa do Pacífico. Seu comandante, Aleksei Bolotnikov, disse à imprensa que esperava que o próximo exercício naval ASEAN-Rússia fosse realizado em Vladivostok.



*FOTO 02: Os exercícios navais sinalizam o interesse russo no sudeste da Ásia, não uma mudança estratégica no mar. Esta foto divulgada em 1º de dezembro de 2021, pelo comando da frota indonésia Koarmada I, mostra o contratorpedeiro russo Almirante Panteleyev nas águas de Belawan durante um exercício conjunto entre a Marinha da Indonésia, a Marinha da Rússia e membros da ASEAN.*

A ASEAN também realizou exercícios navais com a China e com os EUA. Obviamente, a ASEAN espera manter sua “centralidade”.

## DEFESA DAS ILHAS CURILAS

Em 2 de dezembro, a RT informou que a Federação Russa implantou sistemas móveis de defesa contra mísseis na ilha de Matua. Matua está localizada no meio

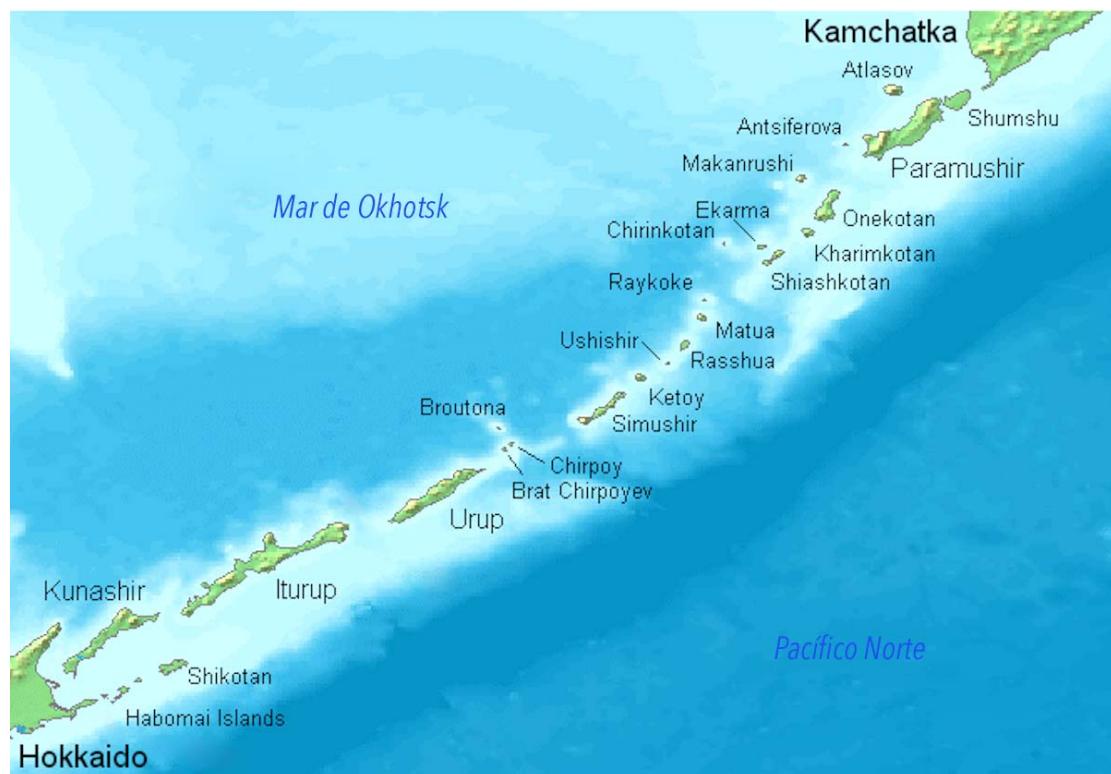
da Cadeia de Ilhas Curilas, que vai de Kamchatka a Hokkaido. A crista Curila, como é chamada em russo, forma a parede externa do mar de Okhotsk.

Não é um ambiente hospitaleiro. As Ilhas Curilas vulcânicas são frias, com ventos fortes, nubladas e úmidas. O fumegante vulcão Sarycheva que forma a ilha de Matua entra em erupção a cada poucos anos, a mais recente em janeiro de 2021. Na língua dos Ainu, os habitantes originais das Curilas e Hokkaido, Matua significa “boca do inferno”.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os militares japoneses construíram uma grande base em Matua com um campo de aviação e uma guarnição de vários milhares de homens. Aviões americanos bombardearam, a Marinha dos EUA bombardeou e uma bateria de costa japonesa afundou o submarino americano *USS Herring* depois que ele afundou vários navios japoneses em águas próximas.

No final da guerra, Truman supostamente perguntou a Stalin se ele transferiria o controle de Matua para os Estados Unidos. Quando Stalin se ofereceu para trocá-lo por uma ilha na cadeia das Aleutas, foi o fim de tudo.

O Japão usou as Curilas para controlar o acesso ao mar de Okhotsk, como os russos fazem hoje. A Rússia também tem baterias de mísseis e campos de aviação nas ilhas de Paramushir, na ponta sul da Península de Kamchatka, e Iturup (Etorofu em japonês) e Kunashir (Kunashiri) perto de Hokkaido, que são reivindicadas pelo Japão.



MAPA 1: Mar de Okhotsk e as Ilhas Curilas (Wikipédia).

Na língua Ainu, Kunashir significa “ilha negra”. Iturup significa “salmão grande”. Os Ainu, que agora são muito poucos, não têm muita voz na disputa sobre quem é o legítimo proprietário das ilhas.

Em japonês, Kunashiri é escrito foneticamente com os caracteres “country” (pode ser traduzido como “país”, “campo” ou “região”) e “back” ou “behind” (pode ser traduzido como “costas” ou “atrás”) – em retrospecto, talvez uma escolha infeliz. Etorofu é escrito foneticamente com os caracteres “choose” e “catch” (podem ser traduzidas como “escolher” e “pegar”) – como em pegar um peixe grande?

## ENCONTRO PERTO DE VLADIVOSTOK

Há pouco mais de um ano, o comandante da Sétima Frota dos EUA emitiu o seguinte comunicado:

*“Baía de Pedro, o Grande – Em 24 de novembro (hora local), o USS John S. McCain (DDG 56) [um destroier de mísseis guiados] afirmou direitos e liberdades de navegação nas proximidades da Baía de Pedro, o Grande, no Mar do Japão. Esta operação de liberdade de navegação (“FONOP”, [Freedom of Navigation]) defendeu os direitos, liberdades e usos legais do mar reconhecidos no direito internacional, desafiando as reivindicações marítimas excessivas da Rússia.*

*O Ministério da Defesa da Rússia respondeu o seguinte: “O destroier antissubmarino Almirante Vinogradov da Frota do Pacífico usou um canal de comunicação internacional para alertar o navio estrangeiro de que tais ações eram inaceitáveis e que o infrator poderia ser expulso das águas territoriais do país em uma manobra de impacto. Depois que o alerta foi emitido e o Almirante Vinogradov mudou seu curso, o contratorpedeiro USS John S. McCain retornou às águas internacionais.”*

Segundo relatos do incidente, o *John S. McCain* havia navegado dois quilômetros até a Baía de Pedro, o Grande, próximo ao quartel-general da Frota Russa do Pacífico e à entrada do porto de Vladivostok.

No mês seguinte, o *Nikkei Asia* citou o professor Artyom Lukin, da Universidade Federal do Extremo Oriente da Rússia, dizendo: “Se você olhar para os sistemas de armas implantados pelo Ministério da Defesa da Rússia no Extremo Oriente nos últimos anos, perceberá que esses sistemas são destinados a repelir uma ameaça do mar e do ar, não uma ameaça terrestre da China... A ênfase no planejamento militar no Extremo Oriente visa conter a ameaça EUA-Japão.”

Houve outros encontros íntimos entre embarcações americanas e russas no Mar do Japão e provavelmente haverá mais.

---

\***Scott Foster** é analista da Lightstream Research, Tóquio.

---